

Domício Proença Filho

Textos selecionados

Porque houve Cam
o esposo bem-amado
e Eloá

porque o deserto
o verde
e os dóceis campos
da terra de Ararat

porque bantus
zulus
congos
angolanos
minas
cafres
antigos
agomés
nagôs
gegôs
e tapas e sentys
e hauçás
porque o mar e os tumbeiros
e as parcas
porcas
no porão
a terra verde
a madeira brasa
e aqueles homens alvos
como luas
nuas

porque rebenques
argola tronco
e asa fraturada
e grito aprisionado
e os dentes
martelados
e a cirurgia fria
dos alicates
unhas descarnadas
e o arrancar a pele

a sangue-frio
a morte entre formigas
assanhadas
a sombra de uma cruz

abençoada
por que houve ladinos
e mães pretas
e virgens
estupradas
ventre alerta
porque houve rosauras
houve isauras
e mestiças
e olhares azougados
e seios mutilados
porque havia cana
e o comércio
dos ingleses
porque houve o ferro
e o fogo e a faca
a lâmina da faca
viva e acesa
e o banzo

porque houve outrora um rei
chamado Ganga-Zumba
e o imperador
Zambi
da Tróia Negra
terra escondida
do sabiá perdido
Numância
reino
onde se repartia
e houve amor alimentando
luta
e as mãos unidas
fortes
tanto sangue
porque se plantou carne
e nasceu ouro
porque se plantou gente
e nasceu seiva
de povo
e canto
porque a infante e santa e bem-amada
terra
e a semente
na encosta verde-sonho
braço de bronze ferro aço
e coração
ternura antiga
acalanto
lundus

calango
semba
porque houve a nação
negra
do Quilombo
a raça
é.
Na terra pindorama
espinho e casco
duro
e sobrecarga
e mais-valia
e senzalas
de longa anestesia
a raça
é.
Pingente
doente
sofrente
carente
mas brava
mas forte
mas filha do norte
da morte
escrava da música
folclore
e fazenda
de muitos cabtais
e festa do povo
exotismo ano novo
mulata no mapa
pivete na praça
e rei que incomoda
no olímpico estádio
os leões de casaca
e cartola
e a bola
rola
frenética
histórica
o grito
unge o mito
porque há um rei
de coroa
abstrata
e tênue
capa
de papel
cruel
entre sons de violões

e zabumbas
a socos dos pés
a cantiga migalha
nas casas de Baco
e o suor do sovaco
a escorrer sempre mais.

Silêncio, Musa!
já não choras mais.

A raça dorme
o sábiá não canta
os dedos repartidos
mãos abertas
calos perenes
sangue arrebatado
a vida torta
pesado fardo
asfáltico
ou rural
a espera de uma porta
a veia frágil
o veio fraco,
branco.

A raça dorme
tradição de velhos ancestrais
a raça dorme
e já não sonha mais
o rei de outrora
não existe
mais
e Tróia
colina sitiada
agoniza
eterna
ao som
de velhos
carnavais.

(*Dionísio Esfacelado*, 1984, p. 9-13).

Capoeira

Vive o risco
entre o céu
e o chão
a cintura
é o jogo
é o vôo das mãos

bailam pés
a queixada e a banda
o facão
vem irmão
é preciso
regar a plantação
com o gesto
do mestre
a batida de mão
e o olho no olho
o lampejo
a fagulha
do refrão
vai irmão:
planta
o grito!

(*Dionísio Esfacelado*, 1984, p. 21).

Semeadura

Entre banzo
correntes
azorrague
verde-escura
a flor
plantada
na alma,
nó de cana
a garganta
moendo
o grito,
a mão
crispada
o corte
no ouro branco
dos homens.

Entre açúcar
e senzala
esse silêncio
prenhe
molhado
de suor e raiva
e sangue
e lágrima deserta
e sal e fel.

Na boca

fonte e alento
o gosto-seiva
da África
esta palavra
verde:
llu-aiêl

A semente
aguarda
excitada
o canto dos galos
e o Sol.

(*Dionísio Esfacelado*, 1984, p. 29).

Fala ao pé do trono

- Salve D. Manuel
o Negreiro
Senhor da Vida e da Morte
Senhor do corpo negro
da Etiópia
- Salve
servo das parcas
Novo Herodes Venturoso
salvador das almas
negras
(livres pela morte)
que Deus deixava presas pela carne
pequena coisa
à luz da Eternidade!
- Salve Rei redentor
das almas
inimigas da Cruz
estava escrito:
a escravidão
garante a salvação
dos infiéis
e não de nós
que cremos que podeis
Senhor!

Vosso juízo
se revela
no tronco e no chicote
no ferro das argolas:
todos aos grilhões
e ao trabalho
em nome do Senhor

digno e justo.

- Para sempre seja louvado.

(*Dionísio Esfacelado*, 1984, p. 47)

Discurso do Inquisidor

- Haja açoite
haja grillão
tudo com moderação
e acaba o negro fujão
e a revolução
e fique alerta
a prisão
e a coação
e se arranque o coração
do corpo
vivo
do cativo
lição
e assim se faça
para equilíbrio
da raça
e se esqueça
a talho de lombo
e sal
a aventura louca
do Quilombo
magote
de moleques
insolentes
dementes
e descrentes
rudes pecadores
crias do diabo
aja-se com cuidado
na caça dessas feras
arrebanhá-las vivas
para exemplo
e para expor
na praça
em escarmento
o corpo emasculado
aja-se com prudência
que a subserviência
é mais que obrigação
é exigência
da negra condição
o negro não é gente

e vende-se por metro
e peça e tonelada
e não tem alma:
a consciência calma
é mérito de nobre
a condição nos cobre
até a salvação
final
no dia do juízo
e as negras mais vistosas
e virgens sinuosas
servia-as de repasto
e cura para sífilis
e outras doenças mais
trazê-las para o leito
e aprimorar a raça
que os mulatos claros
asseguram aumento da fazenda
vaginas de crioulas
cerradas, escovadas
um bom banho de cheiro
e até que gemem pouco
de leve intimidadas
mas vale o sacrifício:
conhecem do ofício
e potras açuladas
ao toque original
derramam-se dengosas
éguas no curral
e a temperatura
eleva até a altura
dos trinta e sete graus
e a prática empolgante
a história nos garante
nossa glória há de ser
pois que será mulata
a musa desta terra
que alguns querem morena
e a raça cor de prata
se miscigenará
sem se abastardar
ou conspurcar
que este nosso ofício
é redenção de almas
e nossa penitência
assim em conclusão
sempre o açoite e o grilhão
tudo com moderação
ajeita a situação
e acaba a revolução apagada da História:

Palmares, o Quilombo
delírio, ilusão,
onde se encontram registros
da malsinada nação?
se os livros nada revelam
se não restam manuscritos
tudo se torna invenção
de gente mal informada
que nada tem de cristão
e quer denegrir a raça
e impor discriminação
onde existe a igualdade
o amor, a fraternidade
onde todos são irmãos
sem distinção
e da mistura das raças
tristes
que nos legou Portugal
é preciso construir
um grande povo cordial.

Senhores deste engenho
prossigamos
na dura liça:
a História
um dia
nos fará
justiça.

(*Dionísio Esfacelado*, 1984, p. 73-75).

Discurso do crítico literário

Apenas a ferina
boêmia citadina
e o discurso terso
de Lima Barreto
a argúcia, o estilo, a ironia fma
o *humor*
de Machado (o bom Joaquim Maria)
a essência amara
do grande negro
de Santa Catarina
em versos da mais bela branquidade
portais do espaço da modernidade
e mais tarde
a voz crioula
a eclodir no verso
branco
do inventor de Orfeu

Jorge de Lima
e a passar de raspão
na construção
do herói Macunaíma
uma ou outra palavra mais ligeira
tingem de leve
a morenice da musa brasileira.

(Nas tensões do lirismo coletivo
ou individualista
a negritude
tradição ou
ruptura
não tem lugar
nessa literatura).

(*Dionísio Esfacelado*, 1984, p. 9-13).